20-12-2019

Pescadores de palavras, Garimpeiros de memórias: O Combate de narrativas

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Consta no anedotário popular brasileiro que há dois tipos de mentirosos oficiais: o pescador e o garimpeiro. Sujeitos cujas narrativas são fontes alvissareiras da literatura regional. Bernardo Élis, Bariani Ortencio e Mário Palmério são exemplos de escritores que vasculharam a tradição oral dos sertões para compor a matéria de seus contos e romances.

A pescaria está presente no imaginário e no cotidiano da cultura nos sertões goiano e mineiro. Basta o sujeito jogar a isca para os peixes e dessa prática passa a contar histórias encantadas. Acrobata da imaginação, o pescador sempre inventa uma forma de dizer que fisgou o peixe maior, o mais colorido ou o que deu saltos mortais na margem do rio. De forma que esses enredos fabulosos fazem com que a pescaria seja um evento cultural. Pesca-se palavras para alimentar a imaginação.

O mesmo ocorre com o garimpeiro. Durante parte de minha vida em Minas Gerais, especificamente no município de Coromandel, conheci e ouvi muitas histórias mirabolantes de garimpeiros. Meu avô Divino era um exímio contador de casos e uma espécie de ativista cultural do sertão. A sua memória apanhou ao longo de décadas as histórias de garimpeiros de diamantes. E na minha infância e adolescência ouvia dele contos que misturavam realidade e invenção. Lembro-me de ele prolongar as narrativas e fantasiar personagens. Ele fazia da vida e do trabalho também uma forma de contar histórias. A minha felicitação em ouvi-lo era um misto de encanto e suspense.

Tudo isso encontrou eco, quando no Mestrado em Geografia, passei a estudar os garimpos de Coromandel. Na pesquisa ouvi histórias extraordinárias.

Algumas certamente reais, outras mais que reais, reais ficcionalizadas, reais imaginadas. Uma dessas histórias reluzentes na região de Coromandel é a de um garimpeiro que no decorrer de anos a fio sonhou acordado e dormindo em pegar um diamante que mudaria sua vida, um *bamburro*. E esse sonho o fez suportar a dura e difícil lida do garimpo. O sonho de um dia alimentava a dureza do trabalho no outro.

E assim os anos se passaram até que deduziu que o diamante sonhado estaria no cascalho do subsolo de sua casa. Derrubou a casa, cavou o solo, extraiu o cascalho e ao apurá-lo deparou com a *pedra rara*.

Em Coromandel as pessoas costumam caminhar com os olhos tateando o chão cascalhento à procura de diamantes. Assim, conta-se que certa vez uma criança, ao brincar no quintal, encontrou uma pedra diferenciada. Talvez por achá-la bonita, levou-a para casa e guardou-a em um buraco da parede sem mostrá-la para ninguém. Passaram-se os anos e a pedra brilhante restou esquecida. A família vendeu as terras com a sede da propriedade. O novo morador, ao reformar a casa, encontrou na parede de um dos quartos a pedrinha de coloração rosa e brilhante.

Era um diamante de raro quilate.

.....

Quem estuda a obra de Karl Marx (1818-1883), especialmente seu livro *O Capital*, ao defrontar-se com uma das maiores teorias do capitalismo, poderá perguntar pelo crivo da economia política: o que há de mistério no diamante ou no ouro? Ainda, o que há no processo concreto do capitalismo em valorizar o ouro ou o diamante sendo que eles - fora as suas características naturais de dureza, coloração, propriedade e beleza - não produzem riqueza? Inquieto e interrogativo, Marx dissecou o funcionamento do capitalismo, especialmente no que diz respeito à exploração do trabalho.

O trabalho, propriedade e fonte de todas as riquezas, produz o vasilhame, o veículo, a lata, o copo, o livro...

Mas, o trabalhador não se apodera dessa riqueza.

Por isso, o dinheiro que ninguém come e ninguém bebe, não é capaz de saciar a fome de pão. Aquilo que não é riqueza se torna o equivalente de toda a riqueza.

.....

De volta ao anedotário popular, pescadores e garimpeiros transformam atividades reais em matéria cultural, em uma literatura de voz popular.

Suas histórias compõem narrativas que palmilham o imaginário social. Ademais, isso também demonstra que toda matéria de vida serve para compor narrativas.

Desse modo, é profícuo o esforço para entender isso que se chama de combate de narrativas. Narrativas que deslocam o ser humano do seu concreto e os elevam a uma inscrição metafísica; narrativas que vendem esperanças a partir de um deus macroeconômico; narrativas feitas pelos gurus do consumo; narrativas que chegam a defender a tortura, o AI5 e a arma como formas de enfrentar a violência. Tal como pescadores e garimpeiros, professores e pesquisadores e todos os sujeitos participam do combate de narrativas.

E, no campo de pesquisas e diálogos entre Geografia e Literatura, um conjunto de pesquisadores não cansam de dizer que a palavra é substância concreta da vida.

Que o modo de dizer é um modo de estabelecer uma lucidez sobre a realidade.

continua

Logo, de dirimir quem se apropria da riqueza.
Quem de fato se beneficia com os diamantes?
Quem são os pescadores da riqueza produzida pelos trabalhadores? Na guerra de narrativas, ou no combate de narrativas, os trabalhadores precisam pronunciar o seu mundo, conforme sugeriu Paulo Freire.
Os pescadores e os garimpeiros fazem de sua maneira, de maneira espetacular, engenhosa e estética, juntando realidade, causo e caso.

Nós, militantes da palavra, também chamados de professores e pesquisadores, haveremos de inventar a nossa. ■■■

Referências

- **ÉLIS, Bernardo. *Ermos e gerais.* São Paulo: Martins Fontes. 2005.**
- **FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 45.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.**
- **MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.**
- **ORTENCIO, Bariani. *Sertão sem fim*. Goiânia: Editora da UFG, 2011.**
- **PALMÉRIO, Mário. *Vila dos Confins.* São Paulo: Abril Cultural, 1983.**

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.